

**MULHERES FIANDEIRAS NO *PONTO A PONTO*: A ARTE DE CONTAR
HISTÓRIAS NAS VOZES QUE TECEM TEXTOS E NAS MÃOS QUE TECEM
TÊXTEIS.**

Adrine Motley Santana (UFPA)¹

Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos (UEPA)²

RESUMO: Este estudo busca compreender a arte de contar histórias, prática primordial para a infância, por meio das vozes femininas presentes na obra literária considerada como Literatura Infanto-Juvenil intitulada *Ponto a Ponto* da autora Ana Maria Machado. São narrativas de mulheres em que se sugere uma relação do tecer têxteis com a tessitura dos textos e a possibilidade de criar novas tramas. São histórias provenientes de um fiapo de voz que já havia ouvido de outros fiapos de voz. Dessa forma, essa tradição oral que, de geração em geração, relata suas experiências cria uma atmosfera de magia e encanto que se estabelece no momento do contar. Ela é capaz de aguçar o imaginário infantil; despertar a busca do querer mais, o livro, hoje suporte para muitas narrativas formando leitores amantes da palavra; refletir sobre as ideologias de opressão contribuindo para a criação de uma contracultura apontando para pensamentos mais democráticos. Desse modo, busco apoio de outras vozes para corroborar minhas idéias como as de Paul Zumthor que estuda o fenômeno da voz; de Walter Benjamin que reflete sobre os narradores; das autoras Fanny Abramovich, Ana Maria Machado, Heloisa Prieto que discutem a relação da arte de contar histórias com a infância, da autora Marina Warner que aborda o tema das mulheres como responsáveis pela difusão das narrativas e como resistência a ordem machista pré-estabelecida. Portanto, procuro refletir sobre o fenômeno da voz e suas contribuições para a sociedade, especificamente para o público infantil e para as mulheres como fator de resistência.

PALAVRAS – CHAVE: Contadoras de histórias. Narrativas orais e escritas. Literatura Infanto- Juvenil.

1. PRIMEIRO PONTO NO BORDADO

O ser humano desde os mais longínquos tempos sente um forte desejo de se comunicar, revelando aos outros “verdades” da vida, instaurando assim a figura do narrador em nossas sociedades. Figura parcialmente responsável por fazer chegar as narrativas criadas e difundidas nos mais diversos momentos históricos, fazendo uso de

¹ Adrine MOTLEY SANTANA. Universidade Federal do Pará (UFPA) adrinemotley@yahoo.com.br

² Renilda DO ROSÁRIO MOREIRA RODRIGUES BASTOS. Universidade do Estado do Pará (UEPA) renildabastos@hotmail.com

uma das faculdades mais importantes para o processo histórico-social da humanidade: a memória.

No entanto, o que se percebe é que com todo domínio de tecnologias, existe um movimento que resiste à cultura visual que nos assola. Este movimento está baseado no ato de ouvir, um movimento de resistência. Agora, é outro campo sensorial que se prepara para um momento único, o da palavra, cantada, declamada e que, por isso, faz inquietar, identificar, acalmar, e como diria Bachelard *devanear*.

Nesse contexto, falo mais especificamente da contação de histórias, que já não ocorre mais nos grupos sentados ao redor da fogueira com a presença do contador de histórias aquecendo o povo com seu hálito vivo e com as histórias ouvidas de geração em geração. Hoje, esta prática se dá nas escolas, em hospitais, nas universidades, em eventos da área da Educação, da Língua Portuguesa, da Literatura, para que a tradição se perpetue, mas, também, para que se formem leitores, pois como diria ABRAMOVICH:

Ah, com é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho, absolutamente, infinito de descobertas e de compreensão de mundo... (1997. p. 16)

Desse modo, ser leitor é estar diante de um convite para adentrar no mundo onde habitam as palavras. Lá existem mil portas secretas a espera de alguém capaz de penetrá-las. “Trouxeste a chave?”³

2. MULHERES FIANDEIRAS

A primeira porta dá acesso para o mundo feminino. As vozes femininas, tão importantes para a difusão dos contos por toda história da humanidade, sofreram durante séculos com a carga de preconceitos que lhes era imposta. Mulheres que narravam as histórias trazidas na memória e no corpo, à luz da fogueira, para divertir e instruir seus ouvintes (crianças e adultos) representavam certo perigo, não só para sua família, como também para toda a sociedade. Devia-se, então, ter cuidado com o que elas diziam.

³ Verso do poema de Carlos Drummond de Andrade *Procura da poesia* (2011. p. 142)

Todavia, a forte personalidade feminina as fez não só continuarem a ser exímias contadoras de histórias, mas também, a tornarem-se escritoras (a partir do séc. XVII), responsáveis por várias coletâneas que, por sua vez, não tiveram a mesma repercussão que as coletâneas compostas por escritores do sexo masculino, mas contribuíram para a conquista de um espaço que, com o passar do tempo, tem se ampliado e solidificado, até chegar a situação atual, na qual, temos um grande número de magníficas escritoras, de reconhecimento mundial.

Com relação à valorização da mulher, Walter Benjamin desconhecia estas qualidades e após a pesquisa de Marina Warner verifica-se que:

Benjamin não imaginava uma vez sequer que seus contadores de histórias possam ser mulheres (...). Ele divide os contadores de histórias, entre aqueles que ficam em casa e os que perambulam (...). Ignora a figura da fiandeira, a mulher com sua roca, que pode trabalhar na cidade ou no campo, fixa num lugar ou em movimento (...), e que se tornou um ícone genérico da narrativa nas capas das coleções de contos de fadas a partir de Charles Perrault. (WARNER, 1999. p. 48)

Os contadores a que Benjamin (1993) se refere estão presentes no ensaio *O narrador* no qual estão presentes dois tipos de contadores de histórias: o narrador sedentário que é aquele que permanece em sua terra, transmitindo a seus ouvintes, conhecimentos arcaicos contidos em sua cultura, fala de acontecimentos ligados a sua comunidade, envoltos em uma atmosfera maravilhosa, que encanta a platéia. Figura sempre próxima, a quem sempre se pode recorrer, e que conhece intimamente seu público.

O narrador viajante é aquele que traz no corpo as maravilhas vistas e vividas em terras e mares distantes, desconhecidos (ou não) daquela comunidade a qual está narrando. Narrativas fantásticas que desfilam diante dos olhos e dos ouvidos do povo, fatos acontecidos bem distantes dali, mas que em alguns momentos se ligaram àquela gente.

Tudo começou quando as reuniões entre elas ocorriam principalmente no séc. XVII. Encontravam-se para trabalhar, fiar e conversar sob o som das rocas e fusos.

Segundo Ana Maria Machado:

Essa produtividade permitiu, o confinamento da mulher no espaço doméstico. E o excedente da produção levou a formas primitivas de acumulação de riquezas, o aumento de casas onde a fiação e tecelagem se faziam longe das vistas da sociedade, permitindo que os homens ocultassem a dependência da produtividade feminina. No entanto, isto contribuiu para que elas passassem o dia reunidas, tecendo juntas, contando histórias, narrando e explorando as palavras, com poder sobre sua própria produtividade e autonomia de criação. (2001. p. 26)

Antes da Revolução Industrial, a tecelagem garantia “pleno” poder às mulheres. Esta produtividade feminina era extremamente lucrativa, geradora de renda e poder, pois com a produção do tecido, comercializava-se fora das muralhas dos grandes reinos europeus e algumas dívidas poderiam ser pagas em forma de têxteis, sustentando assim a economia da época.

No período do Renascimento, as mulheres por meio da produção de têxteis contribuíram para a conquista do “Novo Mundo”. Invasões a terras “desconhecidas” foram financiadas pela tecelagem. Porém, elas pagavam um preço por isso, precisavam ficar distantes do comércio e da sociedade. Fato este, que mostra o preconceito existente contra elas, o que lhes não permitia administrar o poder que lhes seria de direito.

Apesar das barreiras, como a própria citação ressalta, o confinamento que lhes foi imposto, permitiu que as mulheres, cujas mãos teciam têxteis, possuíssem também vozes que fiavam textos. Um exemplo disso é a narrativa recolhida em 1808 e publicada em 1810 que começa assim: Era uma vez uma moça a quem foi entregue um fardo de linho cru para fiar, mas ela só conseguia fazer fios de ouro a partir dele, por mais que tentasse produzir linho...⁴

Percebe-se, então, que o ato de tecer valia ouro e a realidade vivida na produção reflete-se nas histórias que circulavam na época. O (a) contador (a) no momento da *performance* insere na narrativa fatos relacionados com o seu cotidiano. Como lembra Bastos:

“Os contos são responsáveis por um sentido que não é único, nem primeiro, nem será último, mas que possui uma força geradora de muitos sentidos manipulados pela voz do contador que “brinca” remanejando sempre elementos de um conto para outro.” (1999. p. 97)

⁴ A história foi compilada do Livro de Ana Maria Machado “Texturas – sobre leituras e escritos”, 2001.

Dessa forma, na narrativa, a moça tinha um preço equivalente ao seu trabalho. Com um ajudante mágico realiza o prometido, mas precisa descobrir a palavra certa que a levaria a adivinhar o verdadeiro nome do duende. Assim, a realidade local é posta nos contos com certa dose de fantasia, mas não deixa de expressar a relação da mulher com o tecer e com a palavra.

Com o passar do tempo, as mulheres começaram a dominar os meios domésticos de informação, como: os locais de lavagem, as lojas, as igrejas, o bairro e, assim, tornaram-se portadoras e mediadoras de notícias. Tecelãs de palavras. Verdadeiras contadoras de histórias.

Essas vozes femininas contavam histórias de um passado bem distante... *Há muito tempo*, houve mulheres que fiaram suas histórias pela tecelagem e pela palavra criando um bordado valioso encontrado na Literatura Universal.

3. O LIVRO PONTO A PONTO

A outra porta que se abre leva para o mundo da escrita. Lá se encontram “vivas” muitas mulheres da Literatura Universal. Sendo assim, uma das escritoras que há anos tece sobre fiação, mulher e textos na escrita é Ana Maria Machado, autora que também inspirou o tema deste trabalho com o livro *Texturas – sobre leituras e escritos*.

Nasceu no Rio de Janeiro em dezembro de 1941. Quando pequena, costumava passar três meses, a cada ano, numa cidade de pescadores, com seus avós, perto da natureza. Um lugar sem eletricidade, onde todas as noites, as pessoas se reuniam para contar e ouvir histórias. Formou-se em Letras pela Universidade do Brasil, hoje UFRJ, e fez doutorado na França, quando ficou exilada devido à ditadura militar.

Autora muito premiada pelas obras produzidas. Ganhou um dos prêmios que foi o mais importante de âmbito internacional, a Medalha Hans Christian Andersen, pela Organização Internacional do Livro para Crianças e Jovens – IBBY. Recebeu também o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. Muitos de seus livros têm protagonistas mulheres e abordam questões do ponto de vista feminino.

Um dos livros que retratam assuntos que estão sendo analisados neste trabalho é o *Ponto a Ponto*. Ana Maria Machado descreve as razões pelas quais a fizeram escrever este livro no artigo O Tao da Teia – Sobre Textos e Têxteis:

Em memória de minha avó, que contava histórias enquanto fazia crochê, e que deu em mim os primeiros pontos de meu texto, prolongados nos fios tecidos por minha mãe e minhas tias, eu quis homenagear em meu livro *Ponto a ponto* todos esses fiapos de voz feminina que vão com firmeza tecendo a si mesmas. (2001.p. 47)

A tradição oral, presente na vida da escritora, foi a fonte primeira pela qual os contos se difundiram, atingindo os mais longínquos lugares. Esta prática oral constituía-se no principal meio de relato dos conhecimentos e valores acumulados por gerações, e que precisavam ser narrados para continuarem a se perpetuar no corpo e nas vozes de gerações futuras. Dentro deste contexto, a figura do narrador (a) exerce papel importante, uma vez que é por sua voz e memória, que as histórias chegarão a diferentes localidades.

As palavras faladas contem o hálito, elemento vital, que desaparece dela quando escrita (...) certos conhecimentos milenares só podem ser transmitidos em uma troca interpessoal, para que haja a força da vital entre duas ou mais pessoas. (PRIETO, 1999, p.38).

Este hálito vivo a que se refere PRIETO só pode ser encontrado no momento da *performance* do contador de histórias. Paul Zumthor ao estudar os fenômenos da voz (1997) ressalta que existem sociedades, nas quais, uma parte do legado de suas tradições poéticas orais, é de domínio de alguns especialistas, ficando o restante sob domínio da coletividade. Neste caso, reconhecem-se as velhas senhoras, que na Grécia Antiga narravam histórias a meninos e meninas que seriam sacrificados ao Minotauro. Mulheres mais velhas e experientes, que em seus momentos de afazeres domésticos, deixavam fluir uma pequena porção de narrativas contidas em seus vastos repertórios.

O livro *Ponto a Ponto* traça em linhas gerais um panorama histórico-social acerca da situação da mulher em um mundo dominado por homens.

Há muitos séculos a mulher representava um grande perigo, sua voz era uma ameaça. Quando falavam faziam fofocas, contavam histórias e colocavam suas

opiniões, ações que deveriam ser controladas ferozmente pelos homens. Por este motivo, defendia-se que as mulheres deveriam ficar em suas casas cuidando de seus afazeres domésticos, sem nem sequer ficar sabendo o que acontecia à frente de sua porta.

No início do texto, percebe-se que a mulher, personagem central da narrativa, cultivava um comportamento submisso, não emitia opiniões, fala só o necessário, possui gestos contidos e conduta dita adequada para uma respeitável senhora.

Voz de mulher. Doce e mansa (...)
Por toda e qualquer andança, voz de sempre concordar.
Voz fraca e pequenina. Voz de quem vive em surdina. (...)
Um fiapo de voz que tinha todo o jeito de não ser ouvido. (1998, p.3)

No entanto, quando o bordado vai aumentando, elas se reúnem para que os fiapos de vozes femininas se entrelacem, e dêem margem à capacidade de sonhar, fantasiar. A mulher começa a se lembrar da infância e das cantigas sobre teias e fios, que ficaram fortemente costuradas na memória.

Estava a mosca no seu lugar
Veio a aranha lhe fazer mal
A aranha na mosca
A mosca na velha
E a velha a fiar (1998, p.6)

À noite, momento propício para a contação de histórias, a mulher continuava seus afazeres domésticos, só que agora atado aos pedaços de tecidos bordados, vinham os retalhos de histórias emaranhados na memória. Contava histórias de mulheres, de épocas bem distantes, que ouvira de outros fiapos de voz, usando linhas de diversos tipos e cores.

E de noite em casa, enquanto cerzia meias, pregava botões, fazia bainhas, sua voz contava as histórias de mulheres e fiapos, fios e linhas de todo o tipo, ponto a ponto se tecendo e virando novas tramas.

Toda noite uma história diferente. Algumas muito, muito antigas:

“Era uma vez três irmãs que passavam o tempo todo fiando o fio da vida das pessoas. A primeira tinha um polegar enorme, porque era com ele que ela puxava o fio do chumaço de lã no fuso, e fazia as meadas, comandando os nascimentos.(1998, p.7)”

Cada noite era uma nova trama. No excerto acima, fica clara a referência feita às Parcas, três mulheres que por meio da fiação, definiam o destino dos homens na Mitologia Grega.

Depois a voz da narradora fiou Penélope, a qual na narrativa é uma mulher fiel, que tecia de dia para enganar os príncipes que a queriam desposar. Mas quando chegava a noite destecia o bordado feito para esperar pelo retorno do marido Ulisses e dessa forma, no dia seguinte reiniciar tudo outra vez, dando tempo ao tempo e ao amor.

Era uma vez uma rainha que passava os dias na frente de um tear, fazendo uma tapeçaria. Havia muitos anos que o marido dela tinha ido para a guerra e todo mundo achava que ele não ia voltar nunca mais. Muitos príncipes queriam casar com ela, diziam que o reino precisava de um rei. Ameaçavam, mais ela não cedia. Ficava só na frente do tear, tecendo, fio a fio. Acabou prometendo que ia escolher outro marido quando sua tapeçaria ficasse pronta. Nunca ficava. O que ninguém sabia, era que toda noite ela puxava o fio e desmanchava o que tecia de dia. Para dar tempo ao tempo. Tempo para que o marido pudesse chegar... (1998, p.8)

Em seguida, o fiapo de voz falou de Ariadne, mulher jovem, que se utilizou do fio para garantir a sobrevivência do homem amado, dentro de um perigoso labirinto.

Era uma vez uma princesa que morava num castelo numa ilha, no meio do mar azul. No porão do castelo, o rei seu pai guardava um monstro horrível, que comia carne humana e aterrorizava os habitantes do reino. Ninguém podia enfrentá-lo, porque ninguém conseguia chegar perto dele ou ir embora depois. Porque o porão era um labirinto. Quem tentasse entrar se perdia nos corredores sem fim que não davam passagem. Um dia veio um príncipe que queria matar o monstro e liberar o reino. A princesa resolveu ajudá-lo. Mas não tinha armas. Só fios. O fio de seus pensamentos, o fio de lã que fiava. Deu ao príncipe um novelo de lã, para que ele fosse desenrolando o fio e marcando o caminho...(1998, p. 10)

Falou também da Bela Adormecida, que atraída pela beleza da fiação, toca no fuso e cai em um sono profundo. Havia também, a menina que tecia túnicas de urtiga, para vesti-las em doze cabritos, a fim de desencantar seus irmãos e fazê-los voltar à forma humana.

(...) e quando a princesa chegou ao alto da torre, encontrou uma velha fiando diante de uma roca. O pé dela fazia a roda girar e o fio ia se

enrolando num fuso que saltitava, parecia uma mágica, aqueles chumaços iam virando uma linha, daí a pouco ia ser possível fazer um tecido com eles. Coisa bonita de se ver. A princesa não resistiu. Estendeu a mão, tocou o fuso e espetou o dedo. A velha, que era a bruxa disfarçada, deu uma gargalhada. E a princesa caiu no chão, num sono profundo, como se estivesse morta. (1998, p.13)

Além disso, contou a história da camponesa que de repente viu-se em um quarto repleto de palha, para ser fiada em ouro, e com a ajuda de um duende escapa da ameaça da morte feita pelo rei.

E assim as histórias pareciam não ter fim...

Percebe-se com isso, que a personagem para contar as histórias utiliza-se da mesma técnica de Scherazade, considerada como contadora de histórias, pois conseguiu por mil e uma noite narrar histórias sempre parando-as no momento do climas para continuá-las na noite seguindo e assim enganar a morte e curar o coração do sultão Shariar. Esta técnica pode se verificar nessas passagens do texto: “*Outras histórias eram cheias de aventuras; (...) Outra noite, outra história; (...) E mais outra; (...) Tantas histórias diferentes. Parecia que não tinham fim: (...)*”

Mas ao final do livro, a autora por meio de uma linguagem poética critica a submissão da mulher, associando-a ao ritmo do tear, “*pra lá e pra cá. Sem ir à diante.*” Além disso, também utiliza a metáfora “cruz e corrente” que são palavras que fazem alusão à prisão.

Entretanto, cansada desta situação, a mulher, dona da voz, quis ser diferente e deu um ponto final ao bordado escravizado.

Subtende-se assim, que no desfecho da narrativa, a autora conta sua própria história, uma vez que pretende juntar fiapos de vozes para o mundo alcançar. Como se verifica nesta passagem: “*A mulher virou foto no jornal, saiu na televisão. Contou em livro de história e aqui está na sua mão com ponto de exclamação*”. Assim, quis construir uma nova história, agora com ponto de honra, que faça a mulher se libertar.

Portanto, percebe-se que a escritora bebeu na fonte das mulheres fiandeiras da Antiguidade e “herdou” delas a coragem, a astúcia e a inteligência. Como a Literatura possui um caráter subversivo, as mulheres colocaram-na no tear para fazer com que a sociedade questione e reflita as imposições da cultura dominante.

4. O PONTO FINAL DO BORDADO

Agora todas as portas foram abertas para instigar o leitor a querer saber mais sobre esta temática, pois durante séculos as mulheres se viram obrigadas a calar-se em respeito a uma figura masculina, suas vozes eram abafadas pelas paredes que lhes prendiam retirando delas o direito de dizer ao mundo o que pensavam e sentiam.

Contudo, isso não foi suficiente para calar estas vozes que se personificavam nos bordados produzidos. Unidas, em salas de fiar, narravam suas histórias pela linha e pela palavra. Com o passar do tempo perceberam a força que tinham nas mãos e na voz.

Sendo assim, existe um alinhavo da tecelagem com a contação de histórias, que ponto a ponto brinca com a palavra e abre caminho para o *devaneio*.

Sob o som das rocas e fusos as vozes femininas davam sentido à palavra, contando histórias de diversos lugares e épocas. Inclusive nos mais distantes encontrou-se personagens femininas na Literatura que subverteram a ordem e deram um novo sentido a História. Dentre elas existem: Penélope, Scherazade, Aracne, As Parcas, figuras míticas que pela linha tiveram o direito de escolha, teciam o destino humano... e assim reescreviam suas próprias histórias.

Dessa maneira, pelos bordados produzidos na voz, muitas mulheres sentiram-se impulsionadas a bordarem também na escrita. Lançaram mão desta habilidade para a difusão de narrativas orais. No entanto, esse processo não foi bem aceito pela sociedade machista de séculos atrás, que designavam ao homem o poder do conhecimento e à mulher a atividade da fiação.

Em meio a barreiras colocadas, elas resistiram bravamente às assembléias fechadas, aos livros satirizados, enfim, a uma série de obstáculos que teriam de superar para terem voz e vez na sociedade. Assim, verifica-se a existência de mulheres que no Brasil, beberam na fonte do conhecimento e passaram a tecer palavras. Um dos exemplos é a autora Ana Maria Machado, cujo livro foi objeto de análise neste trabalho.

Os retalhos produzidos por ela retratam questões em que a mulher por meio da astúcia, inteligência e coragem consegue burlar as regras impostas. Normalmente, estes textos referem-se a personagens femininas da Mitologia que por meio da fiação e tecelagem tornaram-se sujeitos da história.

Portanto, pelo prazer irrequieto de mergulhar neste tema, posso dizer que o traço delimitado foi importante para compreender o quanto, como contadora de histórias preciso ler, ouvir e contar muitas histórias para continuar este trabalho no corpo e na voz.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH , Fanny . *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia – Volume 1*. 4ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN: *Obras escolhidas*. v. 1. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BASTOS, Renilda do Rosário Moreira Rodrigues. *Itinerário poético: do era uma vez ao agora*. Belém: UFPA, 1999. 175p. (mestrado) – Universidade Federal do Pará.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia (A idade da fábula): histórias deuses e heróis*. 29. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- GALLAND, Antoine. *As mil e uma noites*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- MACHADO, Ana Maria. *Ponto a ponto*. São Paulo: Berleidis & Vertecchia, 1998.
- MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MENEZES, Adélia Bezerra de. *Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- PRIETO, Heloisa. *Quer ouvir uma história? (Lendas e mitos no mundo da criança)*. São Paulo: Angra, 1999.
- WARNER, Marina. *Da fera à loira: sobre conto de fadas e seus narradores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.